

## ARTIGOS

### EZLN: ENTRE A TRADIÇÃO E O NOVO

Marco Aurélio Maia Barbosa de Oliveira Filho<sup>1</sup>

“Nós zapatistas nos vemos como um sintoma de algo maior e mais geral que está acontecendo em todos os continentes, onde muitos dizem, ou gostariam de dizer ‘*Ya Basta!*’” (Subcomandante Marcos<sup>2</sup>).

No *réveillon* de 1994 a elite econômica e política mexicana estava eufórica, sobretudo o presidente do país, Carlos Salinas de Gortari, que ceou com a família no Palácio de Los Pinos em meio a grande expectativa em relação ao novo ano que começaria. 1993 havia sido (para ele) o melhor ano desde sua chegada ao poder, em 01 de dezembro de 1988, pois, após “trabalho árduo”, no qual empenhou-se plenamente, a integração comercial do México com os Estados Unidos e Canadá foi concluída com a aprovação do NAFTA (Acordo de Livre Comércio da América do Norte<sup>3</sup>) pelo congresso estadunidense. Além disso, a vitrine social do seu governo, o PRONASOL (Programa Nacional de Solidariedade), “*uma gigantesca operação de troca de verbas e serviços públicos por votos e apoio político, era sucesso de público e de crítica, aplaudido até no exterior*”<sup>4</sup>. O novo ano, e último de seu governo, viria para coroar sua atuação como chefe supremo da nação, que se “preocupou com os pobres” e havia alinhado o país no caminho da prosperidade.

À vista disso, o grupo que detém o poder mal via a hora que o México, enfim, se transformaria num país moderno. O tratado de livre comércio, tal como havia sido vendido à população, abriria as portas para o progresso e alavancaria o país rumo ao primeiro mundo. E ainda, conforme propagandeou, esse acordo comercial faria do México “*uma ponte comercial sólida para o norte e o hemisfério sul*”<sup>5</sup>, ou seja, seu governo estava sendo responsável por abrir as portas da modernidade não apenas para o seu próprio país, mas para todo o território latino-americano, uma vez que “o vento do progresso” sopra desde o norte.

Apesar do aumento do déficit comercial e da dívida pública, assim como da pobreza e do desemprego, e de o poder aquisitivo dos trabalhadores ter diminuído

---

<sup>1</sup> Doutor em sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

<sup>2</sup> In: BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro.; OLIVEIRA, Ariovaldo. (Orgs.). *Chiapas: construindo a esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 51.

<sup>3</sup> Em inglês, *North American Free Trade Agreement*.

<sup>4</sup> FUSER, Igor. *México em transe*. São Paulo: Scritta, 1995, p. 47.

<sup>5</sup> Fala de Carlos Salinas apresentada no sexto episódio de uma série documental produzida pela Netflix chamada “Quebra tudo: a história do rock na América Latina” (logo no início do sexto episódio da primeira temporada).

drasticamente<sup>6</sup>, a elite mexicana e os investidores estrangeiros não tinham motivos para reclamar, pelo contrário. A desigualdade no país aumentou, mas enquanto os pobres ficavam ainda mais pobres, assistindo os cortes na saúde e na educação acompanharem o avanço das privatizações, os ricos enchiam seus bolsos.

De acordo com Fuser, a utilização do Estado para encher os bolsos dos particulares atingiu proporções inéditas graças ao novo filão aberto pelas privatizações. Novos bilionários surgiram, como Carlos Slim Helú<sup>7</sup>, e o chefe da *Legal Research International* (entidade especializada na caça aos corruptos), Christopher Whalen, “acredita que Salinas saiu do governo como um dos homens mais ricos do planeta”<sup>8</sup>. Ele, que já havia nascido com o *pedigree* da elite mexicana<sup>9</sup>, entrou para a política pelas mãos do presidente que o antecedeu, Miguel de la Madrid, que recrutou os economistas mexicanos mais promissores nos cursos de pós-graduação das universidades estadunidenses para ajudá-lo a começar a implementar no México um programa neoliberal.

Carlos Salinas chegou à presidência aos 43 anos, sem nunca antes ter exercido um cargo eletivo, mas contava com a estrutura de dominação do PRI (Partido Revolucionário Institucional), aprimorada ao longo de décadas no poder, e com o apoio das elites mexicana e internacional. Fuser comenta que um governante latino-americano nunca havia sido tão bajulado pelos poderosos do planeta: George Bush (o pai) fez vários elogios e se dizia um fã de Salinas; a revista *Fortune* o catalogou como uma das 25 pessoas “mais fascinantes” do mundo dos negócios; nos encontros anuais do Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça, ele era uma das pessoas mais requisitadas; e seu antigo professor em Harvard, o vencedor do prêmio Nobel de economia John Kenneth Galbraith, disse que Salinas era um de seus alunos mais avançados, e que sob sua presidência o México havia encontrado uma situação estável e ingressado “numa trajetória inteligente”<sup>10</sup>.

Por tudo isso, Salinas tinha todos os motivos para festejar; brindou com champanhe aquele que viria a ser o primeiro minuto de vigência do NAFTA, e foi para cama. Já dormia quando, às três horas da manhã, tocou o telefone:

Do outro lado da linha estava Antonio Riviello, o ministro da Defesa, que lhe contou a novidade. Uma rebelião armada havia eclodido no estado de Chiapas, no sul do país, pegando de surpresa os serviços de inteligência, os militares e

<sup>6</sup> FUSER, *op. cit.* I; DI FELICE, Massimo.; MUÑOZ, Cristobal. (Orgs.). *A revolução invencível: subcomandante Marcos e o Exército Zapatista de Revolução Nacional: cartas e comunicados*. São Paulo: Boitempo, 1998.

<sup>7</sup> Empresário mexicano nascido em 1940, Carlos Slim adquiriu uma empresa do setor de telecomunicações privatizada no governo de Salinas e construiu um grande império econômico. Em 2005 entrou na lista das dez pessoas mais ricas do mundo no *ranking* da revista *Forbes*, ocupando o topo da lista por quatro anos consecutivos (de 2010 a 2013). Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Listas\\_de\\_bilion%C3%A1rios](https://pt.wikipedia.org/wiki/Listas_de_bilion%C3%A1rios)

<sup>8</sup> FUSER *op. cit.*, p. 37.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Ibidem.

a polícia. Quatro sedes municipais estavam no poder de guerrilheiros mascarados. Entre elas, San Cristóbal de las Casas, de setenta mil habitantes, a antiga capital e segunda cidade mais importante de Chiapas. Salinas não dormiu mais aquela noite<sup>11</sup>.

### O movimento zapatista entra em cena

Os rebeldes tomaram San Cristóbal de las Casas às 00h30min do primeiro dia do novo ano, as sedes dos municípios de Altamirano e Las Margaritas na mesma madrugada, e Ocosingo no final da manhã. Ainda de madrugada, um grupo de guerrilheiros ocupou os estúdios da rádio mais importante da região e obrigou os funcionários a transmitir comunicados em tzeltal – idioma de uma das etnias que compõem o movimento zapatista<sup>12</sup>. Foi somente mais tarde, naquele mesmo dia, que a população mexicana e mundial começou a entender o que estava acontecendo.

Do balcão da prefeitura de San Cristóbal, diante de cerca de três mil pessoas (a maioria turistas), um indígena denominado comandante David leu a Declaração da Selva Lacandona<sup>13</sup>, documento que explica os motivos do levante, declara guerra contra o exército federal mexicano e apresenta o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). Afirmando-se como “produto de quinhentos anos de luta”, o EZLN proclama sua principal intenção: “avançar até a capital do país, protegendo em seu avanço libertador a população civil e permitindo às populações libertadas escolher, livre e democraticamente, suas próprias autoridades administrativas”. A Declaração é um grito de “Já Basta!”, e, nela, os zapatistas reconhecem que a guerra, representando uma última esperança, é uma medida extrema, mas afirmam que é justa.

Nessa primeira manhã de 1994 a maioria da população de San Cristóbal de Las Casas, com medo, permaneceu em suas casas, enquanto os mais ricos preparavam-se para defender suas propriedades. Segundo Fuser, os que saíram às ruas logo perceberam que algo sério e, até este momento, inesperado<sup>14</sup>, estava acontecendo.

Não se tratava de um punhado de barbudos, egressos da universidade, numa aventura na província. Os ocupantes da cidade eram baixinhos, pele cor de cobre, e falavam os idiomas que a classe média mestiça de San Cristóbal – os *coletos*, como são conhecidos – se acostumara ao longo de gerações a desprezar e a temer: tzotzil, tzeltal, tojolabal, chol, as línguas dos indígenas de origem maia que formam a terça parte dos três milhões dos habitantes de Chiapas. Era gente dali mesmo, moradores das aldeias da região, os sujeitos, os mulambentos, os sem-nome, os sem-escola, os sem-terra, os sem-nada, os “marginalizados” dos sermões da Igreja progressista, os “ninguéns” de que

<sup>11</sup> Ibidem, p. 48.

<sup>12</sup> Ibidem.

<sup>13</sup> Áudio original do pronunciamento: [https://www.youtube.com/watch?v=pyEb\\_YcauKw](https://www.youtube.com/watch?v=pyEb_YcauKw). O texto, por sua vez, está disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/01/01/primer-declaracion-de-la-selva-lacandona/>

<sup>14</sup> Como no título de um documentário “chapa-branca” e autopromocional produzido pela televisão mexicana AZTECA, que cobriu os eventos e está indicado nas Referências Bibliográficas deste trabalho (La Guerra Inesperada).

fala o escritor uruguaio Eduardo Galeano, homens e mulheres que carregam nas costas séculos de derrotas e humilhações<sup>15</sup>.

O preconceito contra os indígenas é muito forte. Eles são vistos como símbolo do atraso. Essa mesma visão crê que o país somente poderá tornar-se definitivamente moderno quando não mais existirem, seja mediante eliminação física, tal qual se tentou nos Estados Unidos, ou plenamente incorporados na civilização dominante, abandonando suas “crenças antiquadas” e seus “costumes bárbaros”. Segundo o jornalista estadunidense Alan Riding, o México, orgulhoso de seu passado indígena, sente vergonha de seu presente indígena; “o México moderno, que desenterrou suas raízes indígenas e elevou o indigenismo a símbolo de identidade nacional, tem pouco espaço para os índios do presente”<sup>16</sup>.

No México “há um orgulho circunstancial por um passado que de alguma maneira se assume glorioso, mas se vive como coisa morta, assunto de especialistas ou ímã irresistível para atrair turismo”<sup>17</sup>. Não se reconhece uma continuidade histórica daquele México grandioso das civilizações mesoamericanas<sup>18</sup> com os dias atuais; o único nexos, de acordo com Batalla<sup>19</sup>, reside na ocupação do mesmo território em épocas distintas, “eles e nós”. Alguns consideram que “eles” morreram assassinados, ao passo que outros pensam que foram redimidos no momento da invasão europeia<sup>20</sup>.

A presença do índio em muros, museus, esculturas e zonas arqueológicas abertas ao público se maneja, essencialmente, como a presença de um mundo morto. Um mundo singular, extraordinário em muitas de suas realizações; mas morto. O discurso oficial traduzido em linguagem plástica ou museográfica, exalta esse mundo morto como a semente de origem do México de hoje. É o passado glorioso do qual devemos nos sentir orgulhosos, o que nos assegura um grande destino histórico como nação, ainda que nunca fique clara a lógica e a razão de tal certeza. O índio vivo fica relegado a um segundo plano, quando não ignorado ou negado; ocupam, como no Museu Nacional de Antropologia, um espaço segregado, desligado tanto do passado glorioso como do presente que não é seu: um espaço dispensável.<sup>21</sup>

<sup>15</sup> FUSER, *op. cit.*, p. 49.

<sup>16</sup> *Apud* FUSER, *op. cit.*, p. 50.

<sup>17</sup> BATALLA, Guillermo. *México Profundo: Una civilización negada*. México: Grijalbo, 1990, p. 23 (tradução feita pelo autor).

<sup>18</sup> Referente a Mesoamérica, é o termo com que se denomina a região do continente americano que inclui parte considerável do México, os territórios da Guatemala, Belize e El Salvador, além de porções ocidentais da Nicarágua, Honduras e Costa Rica.

<sup>19</sup> *Idem*.

<sup>20</sup> *Idem*.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 91. Em 2010 foi lançado um filme franco-hispano-mexicano, chamado “*También la lluvia*” (recebeu o nome de “Conflito das águas” no Brasil) e dirigido por Icíar Bollain, que se passa na cidade de Cochabamba (Bolívia) durante a “Guerra da Água” em abril de 2000 e ajuda a expor de forma bastante ilustrativa essa questão relacionada à exaltação do passado indígena e o atual desprezo pelos povos remanescentes. A tradução do trecho transcrito foi feita pelo autor.

Conforme mencionado por Fuser<sup>22</sup>, até a eclosão da guerrilha, os indígenas em Chiapas eram obrigados a ceder o lugar no ônibus aos brancos mestiços, e, assim, comparando com outros lugares, diz que eles eram tão ou mais humilhados que um negro no sul dos Estados Unidos antes de Martin Luther King, ou do que um operário nordestino nas alamedas elitizadas dos Jardins (bairro nobre da capital paulista). E junto com o preconceito, os indígenas padecem de grande pobreza. Os camponeses indígenas de Chiapas são os habitantes mais pobres da região mais pobre do México<sup>23</sup>, que, ainda por cima, pelo seu histórico (passado colonial e permanentemente explorado por potências estrangeiras) e seu lugar no sistema econômico global (periférico, endividado e dependente), já é um país pobre.

Posicionado entre as maiores economias da América Latina, o México, do mesmo modo que o Brasil e alguns outros países do continente, apesar da grande quantidade de riquezas naturais e de ostentar um Produto Interno Bruto (PIB) relevante, apresenta uma enorme taxa de desigualdade social. Emilio Gennari<sup>24</sup> comenta que em Chiapas as contradições e os contrastes assumem aspectos gritantes. Se por um lado o território do estado concentre cerca de 82% de toda a indústria petroquímica do país e suas hidrelétricas produzam 20% da energia de que o país precisa, por outro, somente um terço das casas tem energia elétrica, sendo que a maioria sequer pode contar com um lampião a gás<sup>25</sup>. Ainda, segundo Gennari,

Considerado o maior produtor nacional de milho, Chiapas detém também 35% da produção mexicana de café. De suas florestas saem madeiras nobres e preciosas fontes de matérias-primas para as indústrias de biotecnologia, ao mesmo tempo em que as fazendas ostentam cerca de 3 milhões de cabeças de gado. Apesar de toda esta riqueza, 54 em cada 100 moradores estão desnutridos e, nas regiões de montanha e selva, este mal ameaça a vida de 80% da população. A miséria que senta à mesa da maior parte das famílias indígenas e camponesas cobra o altíssimo preço de uma morte a cada 35 minutos. Outra grande fonte de renda é o turismo que se desenvolve em torno das construções dos antigos povos maias. Para atender às suas demandas, Chiapas conta com uma média de 7 quartos de hotel para cada mil turistas, enquanto oferece só 0,3 leitos de hospital para cada mil de seus habitantes. Se isso não bastasse, já faz anos que a educação vem sendo considerada como a pior do país: de cada 100 crianças que frequentam o ensino primário, 72 não terminam a primeira série e metade das escolas não oferece nada além da terceira série do primeiro grau<sup>26</sup>.

Como é possível notar, em Chiapas a abundância de recursos naturais e o potencial de desenvolvimento convivem, lado a lado, com profundas contradições

---

<sup>22</sup> FUSER, *op. cit.*

<sup>23</sup> Ibidem; DI FELICE & MUÑOZ, *op. cit.*, BUENROSTRO Y ARELLANO & OLIVEIRA, *op. cit.*.

<sup>24</sup> GENNARI, Emilio. *Chiapas: as comunidades Zapatistas reescrevem a história*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002; GENNARI, Emilio. *EZLN: passos de uma rebelião*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

<sup>25</sup> GENNARI, *EZLN..., op. cit.*

<sup>26</sup> Idem, p. 15-16.

econômicas e sociais. Boa parte das riquezas naturais, como petróleo, gás e urânio, por exemplo, encontram-se em áreas ocupadas por comunidades indígenas. Desse modo, não apenas a simples existência desses povos que insistem em preservar suas culturas e valores ancestrais caracterizam-se como obstáculos ao “progresso” e à modernização, também o fato de ocuparem terras com alto valor econômico que são subaproveitadas, de acordo com os padrões da economia de mercado, tornam-nos empecilhos que necessitam ser removidos, seja pela lei ou pela força.

Desde a invasão europeia os povos originários têm resistido para manter suas terras e lutado para tentar recuperar as que continuamente lhes têm sido usurpadas. A história de luta e resistência desses povos, portanto, percorre os séculos.

A Revolução Mexicana, que começou em 1910, deixou como legado, além da consolidação de uma força revolucionária na memória coletiva com potencial de ser transmitida através das gerações, também a atual Carta Magna do país, que sacramentou (ao menos no papel), dentre outras coisas, o direito de todos os camponeses a um pedaço de terra. O artigo 27 da Constituição de 1917 foi uma das principais conquistas dos homens e mulheres pobres que lutaram ao lado de Emiliano Zapata, sendo boa parte indígenas, e, por meio dele, tentava-se garantir não só a regularização fundiária no país, delimitando a função social da terra e os critérios de distribuição, mas também assegurando a existência dos *ejidos* – modelo de propriedade comunitária da terra, que não pode ser vendida, arrendada ou hipotecada.

A tentativa de acabar com os *ejidos* não era uma novidade, pois, na prática, a resistência das autoridades em reconhecer e demarcar áreas para a implementação de terras comunais, bem como a tentativa de asfixiar os ejidatários com a falta de acesso a crédito, de infraestrutura, assistência técnica etc., ocorreu ao longo de décadas a fio. Entretanto, em 1992, o governo de Salinas e o Congresso Nacional, dominado pelo PRI, conseguiu promover algumas alterações constitucionais, e, no caso do artigo 27, visou-se modificá-lo para fortalecer os direitos da propriedade privada, o que permitiu a privatização dos *ejidos*.

Para poder participar do Tratado de Livre Comércio com Estados Unidos e Canadá, o México teve que atender a algumas exigências, que giravam em torno da implementação de diretrizes neoliberais. De acordo com Di Felice e Muñoz<sup>27</sup>, a entrada em vigor do NAFTA contemplava a mudança de alguns artigos na Constituição, dentre os quais: o artigo 25, que contempla os planos de desenvolvimento; o 26, que trata da regulação dos mercados; o 123, referente à tutela social do trabalho; os 3 e 4, que abordam, respectivamente, a educação gratuita e as políticas de saúde e habitacional; e o artigo 27, que, como já mencionado, aborda a regulamentação fundiária, a propriedade da terra e o bem-estar dos camponeses.

A revogação do artigo 27, que seria implementada no mesmo momento em que o NAFTA entrasse em vigor, foi um dos principais motivos de o levante ter ocorrido no

---

<sup>27</sup> DI FELICE & MUÑOZ, *op. cit.*

dia 01/01/1994. Segundo Löwy<sup>28</sup>, os zapatistas inicialmente queriam que a sublevação coincidissem com o aniversário de 500 anos da invasão estrangeira no continente americano, ou seja, era para ter acontecido em outubro de 1992, mas por motivos de falta de preparação militar, a data foi adiada. Mesmo sem que a preparação militar estivesse plenamente concluída, as comunidades zapatistas decidiram que não podiam mais esperar e demandaram ao EZLN que a guerra fosse declarada antes que suas terras fossem definitivamente tomadas.

Os camponeses de Chiapas já vinham enfrentando a expansão dos latifúndios e o ataque das milícias privadas dos grandes proprietários desde há muito tempo,<sup>29</sup> mas agora, em nome da modernidade, o governo mexicano pretendia deixar os pequenos agricultores “livres” para se tornar empregados nas grandes fazendas ou favelados nas cidades<sup>30</sup>. Com a supressão do artigo 27 foi decretado o fim da reforma agrária, e isso significava para milhões de camponeses o fechamento da única porta legal que dava acesso a um pedaço de terra; *“uma porta estreita, atravancada por empecilhos burocráticos, mas, ainda assim, uma esperança”*<sup>31</sup>.

Em 1999 o Subcomandante Marcos<sup>32</sup> concedeu uma entrevista ao escritor espanhol Manuel Vázquez Montalbán. Quando foi questionado se a revolta zapatista havia sido preparada para desmentir o final feliz modernizador da entrada do México no “primeiro mundo” com a assinatura do Tratado de Livre Comércio, Marcos respondeu o seguinte:

Começa a ser preparado pelo próprio processo histórico. O neoliberalismo está preparando um grande simulacro no México: poderemos chegar a formar parte do Primeiro Mundo se não incluirmos todas as camadas sociais, se eliminarmos aquelas que não se enquadram em certos padrões, nos padrões de compra e venda. O modo como estávamos entrando no Primeiro Mundo deixava dez milhões de índios e alguns milhões de pobres fora do jogo, como se eles não fossem mexicanos, porque nunca tinham sido tratados como tais. É o neoliberalismo que leva os indígenas à revolta, a partir do momento em que ele começa a se instalar com toda a sua cruzeza, em 1982, liquidando a ambiguidade pseudo-revolucionária do PRI. Não é o zapatismo, mas o neoliberalismo que leva à opção: ou permanência e luta ou desaparecimento e morte. É isso o que provoca a Primeira Declaração da Selva Lacandona e o levantamento zapatista<sup>33</sup>.

<sup>28</sup> LÖWY, M. *Walter Benjamin*: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

<sup>29</sup> DI FELICE & MUÑOZ, *op. cit.*

<sup>30</sup> FUSER, *op. cit.*

<sup>31</sup> Idem, p. 59.

<sup>32</sup> No final do mês de maio de 2014 o Subcomandante Marcos anunciou em uma coletiva de imprensa que a partir daquele dia deixaria de existir como tal para dar passagem a sua nova identidade: Subcomandante Insurgente Galeano. A mudança de nome foi uma homenagem do movimento ao professor zapatista José Luís Solís (usava a alcunha de Galeano), que foi assassinado em 02/05/2014 no “caracol” (estrutura de governo estabelecida nas comunidades zapatistas) de La Realidad.

<sup>33</sup> In: BUENROSTRO Y ARELLANO & OLIVEIRA, *op. cit.*, 42.

Para muitos indígenas de Chiapas, herdeiros dos maias, o dia 1º de janeiro de 1994 é o dia da revanche. Nesse dia eles soltaram o grito de “*Ya Basta!*”, que pôde ser escutado em alto e bom som, mundo afora, e impuseram uma de suas principais bandeiras de luta: “*nunca más un México sin nosotros!*”.

O levante zapatista, portanto, que representa a continuidade de uma luta que dura séculos, trouxe à tona o México verdadeiro, isto é., mostrou o país real em contraste com a imagem de país que o triunfalismo oficial do governo preferia mostrar. A emergência do México profundo, verdadeiro, exprime a negação radical do México imaginário<sup>34</sup>, cujo projeto de nação – que busca seguir a limitada estrada de “tijolos amarelos” que conduz à modernidade –, é um produto de importação que pretende imitar os costumes dos países economicamente avançados do Ocidente. Para tanto, as mentes colonizadas das elites dominantes do país anseiam sufocar o México verdadeiro que insiste em conservar um conjunto de elementos culturais próprios, a respeito dos quais demandam o direito exclusivo de tomar decisões, afastando-se e, muitas vezes, opondo-se às premissas que sustentam a dinâmica que propulsiona o projeto civilizatório do México imaginário.

Assim, o que aflorou com a sublevação, tal como aponta Fuser<sup>35</sup>, foi muito mais do que o choque entre o México pobre dos indígenas e um suposto México próspero e desenvolvido que, na realidade, nunca foi além dos bem protegidos e exclusivos bairros chiques e dos shopping centers. Uma prova disso, segundo o autor, é a estrondosa ressonância do movimento na capital do país, pois nunca, em toda a história latino-americana, a eclosão de um movimento rebelde havia provocado tamanha comoção<sup>36</sup>. E, como “os índios de Chiapas não são os únicos humilhados e ofendidos desse mundo, o premiado escritor português José Saramago assinala a dimensão mundial da luta zapatista:

Chiapas foi, nestes últimos anos, o lugar onde os maias desprezados, os maias humilhados e os maias ofendidos do México foram capazes de recuperar intactas uma dignidade e uma honra nunca definitivamente perdidas, o lugar onde a pesada lousa de uma opressão que dura há séculos se despedaçou para deixar passar, na vanguarda de uma procissão interminável de assassinos, uma procissão de viventes novos e diferentes, estes homens, estas mulheres e crianças de agora que nada mais estão reclamando que o respeito pelos seus direitos, não apenas como seres humanos desta humanidade, mas também

<sup>34</sup> BATALLA, *op. cit.*,

<sup>35</sup> FUSER, *op. cit.*

<sup>36</sup> “As rebeliões armadas em zonas rurais do continente – tanto as vitoriosas, como em Cuba e na Nicarágua, quanto as derrotadas, quase todas – são praticamente desconhecidas no seu início e só ocupam o centro das atenções nos raros casos em que se tornam uma ameaça inocultável ao poder estabelecido. No México, ocorre o contrário. Ninguém fica indiferente aos acontecimentos. Uma pesquisa divulgada pelo jornal *Reforma*, no dia 7 de janeiro, uma semana depois da histórica tomada de San Cristóbal, revela um país polarizado: 45% dos entrevistados se dizem contrários à ação do Exército em Chiapas, contra os 42% que apoiam a repressão. Quase dois terços (62%) afirmam que o conflito foi causado por ‘problemas sociais’”. FUSER, *op. cit.*, p. 60.

como Índios que querem continuar a ser. Levantaram-se com algumas armas nas mãos, mas levantaram-se sobretudo com a força moral que unicamente a mesma honra e a mesma dignidade são capazes de fazer nascer e alimentar no espírito, ainda quando o corpo esteja padecendo de fome e das misérias de sempre. Do outro lado dos Altos de Chiapas não está apenas o governo do México, está o mundo inteiro. Por muito que se tenha pretendido reduzir a questão de Chiapas a um mero conflito local, cuja solução só deverá ser encontrada no quadro estrito da aplicação das leis nacionais (hipocritamente moldáveis e ajustáveis, como uma vez mais se viu, às estratégias e táticas do poder econômico e do poder político, seu serventário), o que se está jogando nas montanhas chiapanecas e na Selva Lacandona ultrapassa as fronteiras mexicanas para vir atingir o coração daquela parte da humanidade que não renunciou nem renunciará nunca ao sonho e à esperança, ao simples imperativo de uma justiça igual para todos<sup>37</sup>.

Enquanto o governo mexicano e seus apoiadores, como o escritor Octavio Paz, empenhavam-se em assegurar que o conflito era um problema exclusivamente regional, que havia sido instigado por grupos radicais infiltrados entre os camponeses indígenas, o tempo e o desenrolar dos fatos muito rapidamente desmentiriam esse tipo de afirmação. Além de procurar diminuir e circunscrever as razões para o levante, esse discurso escancara o preconceito, não apenas dessas pessoas que defendem o *status quo*, mas também de diversas correntes localizadas no campo da esquerda que desacreditavam na capacidade de os povos originários conseguirem se organizar de forma independente e pautar suas próprias questões vinculando-as a um processo mais amplo de lutas pela transformação social – não no sentido de um pretense regresso a um passado idílico, mas vislumbrando o futuro, na construção de um mundo novo. Nesse sentido, é possível situar o EZLN entre a tradição e o novo.

### **No contexto dos novos movimentos sociais**

Do mesmo modo, a última consideração (que também estampa o título deste artigo) pode ser feita também em relação à forma de luta do movimento, sua organização e demandas, referenciando-o como um paradigma representativo do campo dos novos movimentos sociais. A grande repercussão que o movimento causou, para além da simpatia despertada e da afinidade reconhecida por amplos setores da sociedade civil em torno de suas bandeiras de luta, também se deve às estratégias de comunicação empregadas pelos rebeldes.

Desde o princípio os zapatistas sabiam da necessidade do apoio da sociedade civil, tanto para o processo de resistência na luta contra o governo, quanto para poder levar a cabo, de forma ampla, as necessárias transformações defendidas pelo movimento. Assim, já durante os primeiros dias do levante, a guerrilha começou a se esforçar para romper as dificuldades geográficas e políticas para se comunicar com a

---

<sup>37</sup> In: BUENROSTRO Y ARELLANO & OLIVEIRA, op. cit, p. 35.

sociedade civil mexicana, produzindo um grande número de textos e publicando-os por diversos meios: coberturas jornalísticas, internet, rádios comunitárias, panfletos etc.<sup>38</sup>.

No contexto em que houve o levante zapatista foi possível a utilização de uma nova estratégia de comunicação que permitia um alcance maior, com capacidade de levar informações a praticamente todas as partes do planeta e de forma instantânea: a internet. O EZLN não abriu mão dessa ferramenta, e desde o primeiro momento preocupou-se em promover a maior aproximação possível com a sociedade civil, nacional e internacional – não apenas uma determinada categoria da sociedade, como os trabalhadores, por exemplo, mas sim todas as pessoas.

As técnicas modernas de comunicação mudaram a relação do movimento com a sociedade civil, que passou, segundo Di Felice e Muñoz<sup>39</sup>, de interlocutora estratégica a parte integrante do próprio movimento. Por isso mesmo, e como o movimento procura deixar claro em seus documentos, o uso da palavra adquire uma dimensão primordial, tanto, ou talvez mais, que o das próprias armas. Como dizem, as armas são necessárias para garantir que o direito de utilizar as palavras seja assegurado (e, claro, também para que possam se organizar de forma autônoma mediante o controle do território que ocupam).

A própria forma como as palavras são utilizadas é, inclusive, uma das grandes diferenças que podem ser observadas em relação aos movimentos revolucionários anteriores, que predominaram durante os séculos XIX e XX. Além de carregar elementos da cosmovisão dos povos originários, de não se prender a uma determinada corrente teórica e, dentre outras coisas, apresentar normalmente um caráter mais poético e bem-humorado, o discurso zapatista ainda diverge “*das conhecidas vanguardas revolucionárias*”, pois “*dialoga com a base a própria estratégia, orientado pelo lema ‘mandar obedecendo’*”<sup>40</sup>. Como disse o saudoso Bispo de São Félix do Araguaia-MT, Dom Pedro Casaldáliga,

O Exército Zapatista de Libertação Nacional, que tomou as armas para poder disparar a palavra, a indignação, a mais legítima das reivindicações, sempre fez questão de proclamar que não lutava só por Chiapas, lutava por todo o México, por toda nossa América indígena, negra, mestiça. Aquela original democracia, que o EZLN reivindicou desde o início de sua luta aberta, é a única democracia verdadeira que precisamos e queremos (...). Não é

<sup>38</sup> FIGUEIREDO, Guilherme. de. *A guerra é o espetáculo: origens e transformações da estratégia do Exército Zapatista de Libertação Nacional*. São Carlos: RiMa, FAPESP, 2006. Scherer-Warren comenta que, no nível da informação e comunicação em que vivemos, as novas tecnologias têm um papel relevante para a formação de uma sociedade civil cada vez mais ampla e internacional, e aponta que o primeiro exemplo que provocou um forte impacto nessa opinião pública mundializada foi o movimento zapatista. SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de Movimentos Sociais na América Latina – caminhos para uma política emancipatória?* *Caderno CRH*, Salvador, v. 21, n. 54, p. 505 – 517, Set./Dez., 2008.

<sup>39</sup> DI FELICE & MUÑOZ, *op. cit.*,

<sup>40</sup> Idem, p. 25.

possível que o nosso continente, o Terceiro Mundo, e a humanidade inteira acabem submetidos num estúpido “final da História”, sendo apenas mercado neoliberal<sup>41</sup>.

A atuação política do EZLN, de acordo com Di Felice e Muñoz<sup>42</sup>, busca superar a lógica da política institucional, cujo cerne compreende a realização de eleições e as estruturas hierárquicas de partidos cujo objetivo prioritário é a disputa pelo poder. No caso do zapatismo a política se caracteriza como a “*arte do diálogo entre sujeitos orientados por princípios provenientes da própria identidade cultural*”<sup>43</sup>.

Conforme aponta Pedro Henrique Falco Ortiz, as ações políticas do EZLN estão sustentadas numa concepção de democracia que parte da experiência das comunidades indígenas e projeta-se à nível nacional, “*são originais em seus métodos e objetivos, e insistem na participação da sociedade civil em um projeto maior de mudanças, onde eles seriam mais um ator, não os únicos protagonistas*”<sup>44</sup>. De acordo com o autor:

Na prática política zapatista convergem a cosmovisão das comunidades indígenas de origem maia, que são suas bases de apoio civis, com seu histórico de resistência; a organização e as formas de luta dos camponeses mexicanos; o pensamento teórico renovado de uma esquerda democrática, não dogmática e a participação cidadã da chamada sociedade civil, que luta por transformações radicais pela via pacífica. Os zapatistas são, ao mesmo tempo um grupo armado com amplas bases sociais e um movimento popular que contesta as concepções tradicionais da política. Um movimento armado que não pretende a tomada do poder, mas sim um diálogo permanente com a sociedade civil, que possibilite um movimento maior pelas transformações sociais<sup>45</sup>.

Ao mesmo tempo em que tenta construir uma forma de governo autogestionário, com base territorial e direcionado conforme os desejos e as características de suas comunidades, o movimento tem atuado na perspectiva de se somar à luta internacional contra neoliberalismo, declarando apoio às lutas de todos os povos e classes oprimidas ao redor do mundo, pelo direito à autonomia e auto-organização das mais diversas tendências. Dessa forma, no plano internacional, ao recusar a visão do fim da história que emergiu com a queda do Muro de Berlim e da crise da perspectiva utópica decorrente do fim da experiência soviética, “*os zapatistas recriam o inimigo, através de uma repulsão do ponto de vista fornecido pelo próprio poder a respeito da realidade mundial, resgatando o direito à utopia e à esperança*”<sup>46</sup>.

---

<sup>41</sup> In: DI FELICE & MUÑOZ, *op. cit.*, p. 09.

<sup>42</sup> Idem

<sup>43</sup> Idem, p. 21.

<sup>44</sup> ORTIZ, Pedro Henrique (2005). *Das Montanhas Mexicanas ao ciberespaço*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142005000300012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300012). Acessado em 03 de julho de 2016, p. 178.

<sup>45</sup> Idem, p. 178.

<sup>46</sup> DI FELICE & MUÑOZ, *op. cit.*, p. 25.

Como indica Wallerstein<sup>47</sup>, os zapatistas enfatizaram isso ao convocar, dois anos após a insurreição, o Primeiro Encontro “Intergalático” pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo, depois do qual se seguiram muitos outros, também passando pelas edições da *Escuelita Zapatista*, com a primeira edição em 2013, momento no qual as comunidades zapatistas receberam cerca de 1.700 “alunos” de todo o planeta para vivenciarem, segundo elas próprias definiram, as práticas de liberdade e autonomia.

Tal como disseram Di Felice e Muñoz, o EZLN surgiu em uma nova conjuntura internacional, e se apresenta como portador de uma nova estratégia que não busca a conquista do poder, mas lutar contra todas as suas formas de manifestação. Nesse sentido, segundo os autores, qualquer tentativa de interpretar o movimento dentro das categorias políticas tradicionais resultariam inadequadas. “*Para entender o impacto e a dimensão de sua ação, que supera os limites geográficos de atuação política tradicionais, é necessário recorrer a algo novo, a novos conceitos e a novos olhares*”<sup>48</sup>.

Oliveira<sup>49</sup> disse que o zapatismo nasceu no contexto de um México mundializado, neoliberal e em crise, e que veio para mostrar novos sinais e novos signos do mundo dos excluídos. Para José de Souza Martins,

O conflito de Chiapas, mais uma vez, propõe um desafio interpretativo aos intelectuais latino-americanos. É o desafio de situar a relação histórica entre luta e consciência social, o desafio de decifrar no emaranhado de vontades da cena histórica as possibilidades e a eficácia da utopia camponesa e indígena gestada na adversidade de séculos de humilhação e obediência servil, a esperança que nela se anuncia e as superações que propõe<sup>50</sup>.

### Considerações finais

O movimento zapatista, por meio de suas declarações, reivindica o histórico de lutas de seus antepassados em nome de uma “digna rebeldia”. Lutas essas que remontam ao início do século XVI quando invasores europeus, em busca de riquezas, aportaram no México e deram início ao processo de colonização.

Apesar de toda a violência física e simbólica perpetrada até os dias de hoje, os povos originários seguem resistindo contra a imposição de uma visão de mundo alheia às suas. O zapatismo busca vincular sua luta como ponto de inflexão que condensa lutas passadas para emergir no presente a possibilidade de emancipação social e a redenção dos “vencidos”. Desta maneira, a erupção do movimento pode ser interpretada a partir de um prisma benjaminiano<sup>51</sup>, como um fenômeno situado na atual conjuntura de

<sup>47</sup> In: Outras Palavras, 6/5/2014. Immanuel Wallerstein “O sentido histórico da revolta zapatista”. Disponível em: <http://outraspalavras.net/posts/wallerstein-o-sentido-historico-da-revolta-zapatista/>. Acessado em 15 de agosto de 2016.

<sup>48</sup> DI FELICE & MUÑOZ, *op. cit.*, p. 25.

<sup>49</sup> In: BUENROSTRO Y ARELLANO & OLIVEIRA, *op. cit.*

<sup>50</sup> Idem, p. 65.

<sup>51</sup> Walter Benjamin (1892 – 1940), pensador alemão associado à corrente da teoria crítica, de raiz marxista, foi um grande crítico da filosofia do progresso. Benjamin considera o tempo do progresso

desenvolvimento do sistema capitalista, relacionando-o à tradição histórica de lutas e resistência no México e num contexto maior latino-americano e, da mesma forma, a um projeto de futuro associado à construção do autogoverno e seus desdobramentos políticos e sociais, visando “um mundo onde caibam todos os mundos” .

Artigo recebido em 7.10.2022

Aprovado em 12.12.2022

---

uma eterna presentificação do tempo, pois, tal como o relógio, representa um continuum que traz o eterno retorno dos vencedores. A revolução, por sua vez, seria uma interrupção no curso da história, apresentando-se não como uma utopia do futuro, mas uma erupção no presente. Para Benjamin é preciso trazer os vencidos para o tempo presente, ouvir os ecos daqueles e daquelas que lutaram pela emancipação da humanidade e que tiveram suas vozes caladas, suas lutas esquecidas pelos que se mantêm no poder. Cada geração recebe uma pequena força messiânica para perceber esses anseios do passado, força esta que confronta a história oficial dos vencedores; há que ir contra a corrente da versão oficial da história, opondo-lhe a tradição dos oprimidos.